

Salette Tavares

# OUTRO OUTRO

*Prefácio*

Rui Torres



TIGRE DE PAPEL



Salette Tavares  
Fotografia San Payo  
1957

Prefácio | **Rui Torres**

## **OUTRA OUTRA**

A importância de Salette Tavares no contexto artístico-literário português está por reconhecer. Autora de uma obra variada e múltipla, articulada em linguagens rigorosas e inovadoras, trabalhou num período político opressivo e em ambiente cultural retrógrado, de modo intenso mas intermitente, devido a doença grave e a várias formas de censura, tendo deixado, por tudo isto, várias obras por publicar.

Os livros de poesia, com excepção da recente edição facsimilada de *Lex Icon* (Tigre de Papel, 2017)..., esgotados. *A Obra poética: 1957-1971* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992), prémio PEN Clube Português de Poesia em 1993, reunindo poesia publicada e inédita..., indisponível. A sua teoria estética, os estudos sobre pintura, escultura e arquitectura, os ensaios sobre teoria da informação e estruturalismo..., dispersos. O desejo da autora de os reunir no livro “A dialética das formas”, nunca bem sucedido..., descontinuado. Publicados em revistas como *Brotéria* e *Colóquio Artes*, com dificuldade consegue o leitor ou o investigador a eles chegar..., inacessíveis.

Curiosamente, é a sua poesia visual, gráfica e espacial que tem sido mais estudada e exposta, circulando vibrante, tendo para isso contribuído decisivamente as retrospectivas do

Centro Cultural de Belém (2010) e do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (2014-15), assim como a visibilidade dada pelo Arquivo Digital da PO.EX.

Por tudo isto, o processo de recuperação e publicação da obra narrativa da autora, até agora desconhecida, que se inicia com *Outro Outro e Irrar, num total de cinco textos* aguardados, constitui motivo de entusiasmo para quem conhece e aprecia as suas criações, além de oportunidade para formar novos leitores e, desse modo, motivar o investimento na (re)publicação da sua poesia e ensaio.

Mas celebremos, agora, esta original narrativa breve, terminada em 1963, período que coincide com a produção de grande parte dos poemas concretos e visuais em tipografia e serigrafia, com a redacção de vários livros de poesia (publicados nos anos seguintes), e decorrente da tradução de *As maravilhas do cinema*, de Georges Sadoul (Publicações Europa-América, 1959). Com efeito, o cinema assume um papel expressivo nesta narrativa, contíguo a idêntico fascínio da autora pela música electrónica e contemporânea, formas que ajudam a compreender os ritmos, as voltas e os contratempos que o título, *Outro Outro*, tão bem denota. O cinema e a música de vanguarda inclinam-se para o uso expressivo de técnicas de montagem e de séries não hierárquicas, motivando a abertura e a liberdade interpretativa dos leitores, a quem é legado o poder de organizar relações de significação inesperadas. *Outro Outro* executa, pela escrita, certos princípios da montagem cinematográfica e da polirritmia musical.

Também o ideogramatismo, justaposição de elementos sígnicos distintos de forma a produzir novas leituras, e a

parataxe, sobreposição de sequências de frases sem conjunção coordenativa ou subordinativa, aspectos que Salette Tavares explorou profusamente na sua poesia, figuram eloquentes nesta narrativa. Na narrativa, note-se, estes procedimentos constituem um constrangimento: ao invés da poesia, forma aberta que interrompe o fluxo da escrita, voltando-se para a sua própria materialidade, em círculo ou espiral, a prosa fecha-se sobre si mesma, é (ou pretende ser) estrutura linear contínua, linha. Ainda assim, a autora logra incorporar abertura na forma fechada da prosa: a sua prosa é poética. A um nível formal, pela atomização, pela desintegração e redistribuição dos sintagmas, pelos jogos sonoros implícitos e recorrentes. No plano de conteúdo, pela aceitação dos contrários, pela oscilação das ideias nos espaços intermédios da narração, pela relação intersticial do “dentro” com o “fora”, desfeita para originar os “dentros”, como nos “dentros comunicáveis” das casas de *Lex Icon*. Em *Outro Outro* é esse inverso inesperado: “Nas ruas estreitas o dentro das casas está fora, de noite”.

*Outro Outro* submete o leitor a um ritmo cinemático (sincopado, descontínuo) e musical (equilibrado, cadenciado): frases curtas, linguagem palpitante, repetições e permutações. A sua estrutura textual variacional remete para o encantamento dos processos combinatórios, como no lirismo medieval, e para os temas com variações, como na forma musical. O verbo-acção, privilegiado, assim como as adjectivações expressivas e as enumerações, suspensas e interrompidas por espaços em branco, sinalizam uma espécie de música minimal repetitiva, na qual a semelhança gera a diferença, como passos à volta de um interior feito de contradições, um interior que aceita essas

contradições precisamente por se externalizar pela escrita:  
“Chão branco do passeio. Chão negro de asfalto.”

Igualmente desconcertante é a composição de frases incompletas, suspensas, cortadas. Juntamente com as elipses, quer as narrativas (pela exclusão de acontecimentos diegéticos) quer as poéticas (pela omissão de termos nas frases), originam descontinuidades, incompletude que devolve ao leitor a imaginação, entregando-lhe a mesa de montagem. A complementar estes processos, as onomatopeias, marcando o ritmo e ordenando a progressão narrativa, actuando como separadores, compasso que marca os silêncios que se adensam, adensando com eles o mistério. Como um relógio: Ai ai ai... Tlim Tlim Tlim. Zaz zaz zaz. Tric tric tric. Traz traz traz. Clac clac clac. Ou ainda: Ffff. Sssss. Iauiiii. Uuuuu. Zzzzz.

O leitor, esse vai seguindo o “som seco” e o “martelar manso” do “intervalo passo” desta personagem misteriosa (um guarda-nocturno? Um porteiro?) que caminha e vagueia, às voltas e em círculos, um passo atrás do outro, criando nesse movimento uma “angústia alegre” de deambulação pela cidade. Todavia, não é apenas na cidade que deambula(mos), visto que os contrastes e as ânsias dessa personagem correspondem à sobreposição de dois outros planos (outro “outro outro”): o campo (Covão?), que traz na memória; e a cidade (Lisboa?), que vive na pele. Essa é a pulsação que o leitor vai seguindo, como uma respiração: música/silêncio, luz/escuro, vago/definido, aberto/fechado. A lembrança do “rio no fundo do vale”, com a água e o tenro das canas verdes, é evocada por objectos e situações urbanas que despertam e activam a sua memória. Não se trata de nostalgia vulgar, antes crítica feroz,

questionamento da brutalidade do ser humano que despreza “o outro”. Na cidade a água é um “rio pela rua abaixo” com o seu “[c]anto ininterrupto dos esgotos”. Os carros equivalem ao gado, os homens ao rebanho. Estas sobreposições de tempos (polirritmia, passado/presente) e de espaços (montagem, campo/cidade) comunicam e sintetizam a memória confusa do protagonista: “Um cano roto na parede esguichava brilhante. A água corria ribeirinho pela pedra branca”.

Em *Outro Outro* a cidade é uma intermitência de luzes que se acendem e apagam, o verde do cinema em vaivém, ecos e ruídos em alternância com o vazio e os silêncios súbitos. Cheiros, sons, cores, num esboroar e num frenesi que hiperboliza a cidade, os seus ritmos alienantes devorando as almas subtis dos habitantes. Tudo isto através da oscilação e de andamentos: frente/trás, esquerda/direita: “A porta tinha-a fechado e estava aberta”. E o guardador de casas, de automóveis e de portas - por oposição ao guardador de rebanhos que fora - “teria que andar sempre”, com as suas chaves, condenado a ro(n)dar: “Havia este lado. Aquele lado”. Em círculos e às voltas, como nesta prosa poética circular: “O muro liso, a porta, a montra, a porta, o muro liso”. Trazendo consigo a saudade vaga do passado, mas “[s]em poder passar entre as casas, sem as poder guiar e encaminhar como ao rebanho”.

Este caminhar às voltas é o percurso da descoberta, à volta de si mesmo, passo a passo, outro e outro. Para se (re) conhecer, balouça e move-se no presente, estranhando as suas lojas novas, as lojas dos objectos de plástico, das máquinas de jogo americanas: parafernália infernal que absorve e entranha, macula e distorce. E, apesar disso, caminhando sempre, sempre

à procura de um equilíbrio possível, à procura de encontrar essa “impressão recordada” que o devolva à tranquilidade. Não devolve. A cidade mostra e esconde, como um “espelho cego”, esse mesmo na porta do armário do quarto, balançando, para lá e para cá: “Ele via-se e não se via.”

*Outro Outro* é feito de hesitações, descontinuidades.

A um ritmo alucinante, sôfrego, prendendo o leitor, angustiado: adivinhar que plano se segue, que cena sucede.

Ler com esta sofreguidão é como ouvir as “sílabas cortadas dos ardinias”, as letras e as palavras que iam e vinham, aparecendo desaparecendo, acendendo apagando. Numa acutilante descrição de um espaço urbano em formação, eis a metrópole portuguesa com os seus contrastes e ritmos: o talho, a mercearia, a leitaria, a farmácia, o cinema. Público/privado em mutação: “Na terra todos se davam a salvação. Sabia-se tudo de todos. Aqui, passam. Tantos. Diferentes”. E indiferentes. Devorados pelo dinheiro. Por isso, o BANCO, sem ninguém, limpo e brilhante, casa do “Medo” com a sua “imponência agressiva”, tudo põe em sobressalto, em “guinchos gritados”. O não-espaço com grades de zoológico, prendendo as pessoas como rebanhos. E o guardador, com as mãos atrás das costas porque “[n]ão havia galho para colher. Animal para acariciar”, vítima de um desejo alheio por esse mesmo dinheiro, esse falso deus sujo e insaciável.

Neste ritmo frenético, vamo-nos aproximando, discernindo os espaços, as figuras, contudo o protagonista vai-se afastando: cada vez mais ausente, mais turvo, mais misterioso. “Morre, não morre”, é uma rosa em mutação permanente: “O mudar imperceptível em cada instante”.

*Outra Outra*

O tempo múltiplo aglutina-se: “Não sabia se o sentia se o recordava”. E ainda: “Muito tempo um instante”.

*Outro Outro* não é um guião para cinema: é cinema. Cortes, incisões, descrições fulgurantes, futuristas, sonoras, é a história de um corpo doente e dorido, com febre e sede num hospital, comovido pela monotonia da chuva interrompida pelas árvores. Em crescendo. Progressivo adensar de sensações, turbilhão de memórias, escrita febril que acompanha o processo lento de doença (da humanidade) e de recuperação (de regeneração). Recuperar para quê, o quê? Viver é caminhar para a morte. Curvando-se pelas esquinas, nas encruzilhadas e nos cruzamentos. Viver e morrer em epifania. A iluminação e o estranhamento (“Estava diferente. Era outro. Outro outro.”) sempre adiadas. Porque a metamorfose e a transformação, no sobressalto e no assalto se evaporam. Nos ombros da autora, o guardador de portas.

**Rui Torres** / *Porto, 1 de Maio de 2019*